

Posseiros são ameaçados de expulsão em Aribiri

Romero Mendonça

Uns dizem que a área pertence à Capitania dos Portos enquanto outros afirmam que é da Prefeitura de Vila Velha, mas, na falta de uma definição nesse sentido, as pessoas que invadiram o terreno próximo ao mangue, em Aribiri — cerca de 120 — há mais ou menos dois meses, vêm sendo abordadas com todo tipo de ameaça por parte de estranhos que se dizem donos do terreno. Humberto Vereza é um deles, segundo acusaram alguns posseiros, que já expulsou inclusive muitas famílias dali, chegando a derrubar barracos.

Mesmo Maria Martins Cacilis, que construiu seu barraco há dois anos, portanto, antes da invasão em massa, tendo tirado uma série de documentos exigidos pela Capitania dos Portos, recebeu ameaças de Humberto Vereza e, como os posseiros, terá que pagar uma multa de Cr\$ 7 mil até a próxima semana na Caixa Econômica Federal na "conta vinculada ao F. Naval". Mãe de sete crianças, cinco das quais vivem com ela, Maria Martins Cacilis, que para sobreviver trabalha como vigia da Escola Polivalente do Aribiri — já que seu marido é aposentado da Prefeitura — disse que antes de invadir o local entrou em entendimentos com a própria Capitania dos Portos.

"AUTORIZAÇÕES"

Por não ter para onde ir, conforme justificou José Ornele, a única alternativa que encontrou foi ocupar o terreno, totalmente sem infra-estrutura, recomendado pelo ex-prefeito de Vila Velha, Américo Bernardes. Pouco tempo depois teve assegurada a posse da área pelo atual prefeito, Gottfrido Albert Anders, só que agora não tem condições de pagar a multa exigida pela Capitania dos Portos, sentindo-se ameaçado, uma vez que não dispõe de nenhum documento que garanta sua permanência no local.

"A gente sofre muito nesse mundo, quando tem saúde dá para trabalhar, mas doente não tem



Iniciada há dois meses, a ocupação já tem mais de 120 posseiros

para onde ir" — declarou o braçal José Caetano do Nascimento, justificando sua situação de desempregado e pai de três crianças. No seu barraco quase todos são doentes, e o pouco que recebe da Prefeitura — é aposentado — mal dá para a alimentação, pois é gasto com remédios para a mulher e uma das filhas. Ele obteve autorização para ocupar a área de Farid Farah, diretor de Obras da Prefeitura de Vila Velha, mas na falta de documentação de posse vem solicitando ajuda de outros políticos.

Explicou Jacira Lyrio da Silva — ela mora próximo ao terreno invadido, há quatro anos — que a situação dos posseiros é lamentável e que sempre se coloca à disposição deles para emprestar um serrote, martelo, coisas desse tipo. Não há energia elétrica, nem serviços de água e esgoto, conforme acrescentou. Alguns posseiros dispõem de poço

próprio, enquanto outros se utilizam do que ela possui, contendo água nas piores condições apresentando até uma certa coloração amarelada — água essa que vem sendo ingerida pelas pessoas.

As coisas ficam mais sérias quando chove, segundo Jacira Lyrio da Silva. Isso porque, tendo em vista o terreno ser de barro, a passagem pelo barranco — a área fica abaixo do limite do bairro — fica escorregadia. E mais: os poços também ficam com sua água mais suja, além de dificultar a construção dos barracos. Há ainda o problema de transportes, pois os moradores precisam caminhar quilômetros a pé, subir barranco e esperar durante muito tempo pelo ônibus. Diante dessas dificuldades, Jacira Lyrio da Silva argumentou que rico possui as terras que desejar na hora que lhe parecer oportuna, enquanto pobre além de viver no abandono, ainda tem que pagar para isso.